

Wilma Lacerda

JORNAL O GLOBO  
DATA 14-8-1973 PAGINA  
LOCAL GUANABARA  
ASSUNTO Wilma Lacerda aluna Ivan expõe com Roni e Walter (surrealismo)

# Roni, Wilma e Walter: o surrealismo em 3 tempos

Três gerações de surrealistas — Walter Lewy, Roni Brandão e Wilma Lacerda — estarão apresentando seus trabalhos a partir do dia 16 na Galeria Vernissage (Hilário de Gouveia, 57-A). São 30 quadros em que ficam delineadas as diferentes tendências do surrealismo no atual panorama das artes plásticas do Brasil.

A formação dos três pintores é bem diferente: Walter Lewy, um dos pais do surrealismo brasileiro, veio da Alemanha em 1936, onde já era conhecido. Roni Brandão é do interior paulista e começou a pintar profissionalmente em 1967. Wilma Lacerda é pernambucana e desenha desde menina. Por caminhos diversos, chegaram a essa forma de pintura em que o real se confundiu com o fantástico e o sonho com a realidade. Para esta exposição cada pintor realizou uma edição de litografias com tiragem especial.

## 50 anos de pintura

Para Walter Lewy, desde a Alemanha ele estava predestinado ao surrealismo. Sua pintura seguiu uma evolução, com alguns elementos constantes, como corpos de mulheres misturados com fleção científica e aspectos de botânica. Apesar dos seus 68 anos, Walter Lewy é de uma vitalidade impressionante e ele não se abala por ser chamado de pai do surrealismo do Brasil.

Logo que chegou a São Paulo, começou a pintar dessa forma que hoje chamam de surrealismo. Sei também que ninguém mais o fazia na época. Mas agora estou contente porque vários jovens pintores aderiram a essa escola. Sei que fui um pioneiro, um pintor de vanguarda mesmo, mas em 45, com essa onda de abstracionismo, nós, os surrealistas, fomos muito desprezados.

A mudança de país o influenciou no uso da cor e o casamento com uma mulher negra — a pintora primitiva Dirce Pires — modificou a sua visão do corpo feminino, que ele pinta com a cor azul.

Walter Lewy segue sempre o mesmo método para pintar: primeiro, um desenho a lápis; depois, um quadro pequeno e o estudo definitivo.

— Quando ninguém me perturba, pinto uma média de oito quadros por mês. E não tem esse negócio moderno de mensagem. Cada pessoa deve receber um impacto e interpretar o quadro a seu modo. Eu tenho uma intenção quando pinto, mas não a dou para ninguém. Meus quadros não têm títulos e cada um entende o que quiser.

Considerando-se uma pessoa equilibrada, sem neuroses, diz que a esposa reclama muito do seu desligamento. E Dirce lembra que o Museu de Arte Moderna realizará ano que vem uma retrospectiva dos 50 anos de atividade de Walter Lewy.

## A pintura chegou tarde

Roni Brandão tem 38 anos e começou a pintar em 67. Antes, fez estampania em tecido, desenho de propaganda, trabalhou em agência de turismo e foi funcionário público.

— Eu desenhava desde menino, mas faltava entusiasmo para iniciar a coisa pra valer. Comecei de verdade, graças a uma amiga, que me pediu uns trabalhos para o Natal; entusiasmada, ela me estimulou a abandonar as outras atividades e ficar só com a pintura.

Seus primeiros trabalhos foram a bico-de-pena, em preto-e-branco. Aos poucos foi sentindo necessidade da cor e partiu para o primitivismo. Foi com Mário Campelo, pintor baiano, que Roni aprendeu a usar a cor, a preparar uma tela e a misturar as tintas.

— Comecei pintando mulheres, figuras com aves e depois fui eliminando a figura humana, ficando apenas a forma. Passei a incluir a natureza morta e as mulheres ficaram limitadas a um manequim que corresponde à pessoa na natureza morta.

Roni lamenta não ter começado antes: — Meu pai, como todo bom interiorano, achava que pintura era profissão de vagabundo. Eu tinha que ser médico e não podia desenhar. Sempre fui muito fechado, mas a partir da primeira exposição minha vida se transformou completamente. Meu pai mudou sua visão da profissão, e eu fiquei mais independente.

*I globo 14-8-73  
antes plasticas  
pinturas  
Brasil*



Walter pinta as mulheres de azul; Wilma se inspira em nosso folclore e Roni elimina a figura humana, ficando apenas a forma.

O surrealismo surgiu sem que Roni notasse. Sua vida interna foi se modificando e os quadros acompanharam essa evolução.

— Quando pinto, não penso no quadro. Com o tempo, noto que alguns elementos, antes muito frequentes estão passando para segundo e terceiro plano. É bem provável que daqui a pouco sejam eliminados. E o que virá em seguida, eu não sei!

## O folclore no surrealismo

Wilma Lacerda tem um jeito de menina ingênua e com sotaque nordestino, fala que desde pequena "só faz pintar". Pintava tudo que passava pela cabeça. Mais tarde, já cursando a Escola de Belas Artes do Recife, teve uma fase niarinhã e outra de folclore brasileiro.

— Agora utilizo o folclore dentro do surrealismo, principalmente o rio São Francisco e as carrancas nordestinas. Pesquiso tudo sobre folclore e acho que a arte brasileira precisa se basear mais em coisas

nossas e parar de procurar temas estrangeiros, alheios à nossa cultura.

Wilma não lamenta se desfazer de um quadro. — É como um filho que nasce. Depois de grande, a gente não vai prendê-lo, ele já é uma pessoa com sua personalidade que deve seguir um caminho. E eu já fico pensando em outro quadro. Só não gosto de vender meus trabalhos para pessoas feias. É como casar um filho com uma pessoa que não gosta dele.

Quando casou com um carioca, há cinco anos, Wilma veio para o Rio e trabalhou no ateliê de Ivan Serpa. O surrealismo foi surgindo aos poucos, produto de muita pesquisa na pintura. Não pensa em ter filhos, porque tinha que decidir entre cuidar dos filhos ou das telas. E preferiu a arte.

— Nunca pensei em fazer outra coisa que não fosse a pintura. Agora, se isso fosse impossível, gostaria de subir num foguete e ver as cores da Terra lá de cima.